



# MORTALIDADE POR CÂNCER DO COLO DO ÚTERO EM MULHERES BRANCAS E NEGRAS, DE 35 A 49 ANOS, NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL



**Maria Isabel do Nascimento, Lara Miranda Marchesi, Antonio Duarte Guedes Filho**  
**Faculdade de Medicina – Universidade Federal Fluminense**

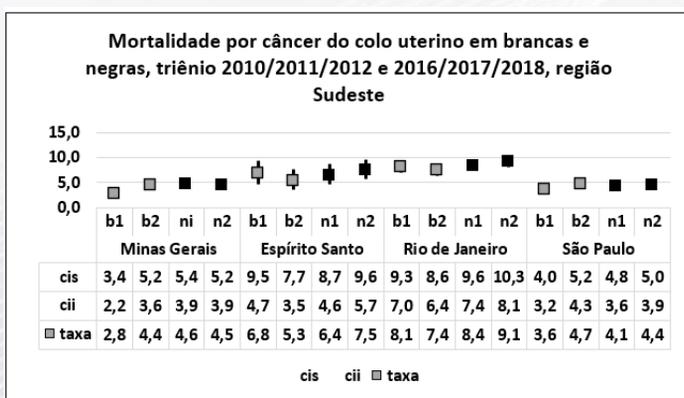
**Introdução:** O câncer do colo uterino permanece na lista dos grandes problemas de saúde pública nos países em desenvolvimento. No Brasil, a despeito da oferta de serviços preventivos a doença segue afetando as mulheres mais pobres, com números desigualmente distribuídos pelas grandes regiões do país.

**Objetivo:** Analisar a frequência de óbitos por câncer do colo uterino em mulheres brancas e negras, de 35 a 49 anos, na região sudeste do Brasil.

**Métodos:** Estudo descritivo que usou dados disponibilizados no Sistema de Informação sobre Mortalidade coordenado pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde, abrangendo óbitos por câncer no colo de útero segundo cor da pele (branca, parda e preta) e faixa etária de 35 a 49 anos. As taxas de mortalidade foram calculadas para o triênio 2010-2011-2012 e 2016-2017-2018, considerando os subconjuntos branca e negra (parda e preta conjuntamente). As taxas foram apresentadas por 100 mil pessoas tempo.

**Resultados:** Nos dois triênios analisados, ocorreram 9.449 óbitos atribuídos ao câncer do colo do útero entre mulheres de 35 a 49 anos, no Brasil, com maior proporção registrada na região sudeste (31,4%) seguida da nordeste (30,1%), sul (15,0%), norte (14,8%) e centro oeste (8,7%). Analisando a distribuição dos óbitos na região sudeste (n=2.815), verificou-se maior proporção na população negra, em Minas Gerais (62,4%), no Espírito Santo (62,3%), Rio de Janeiro (56,2%), mas não em São Paulo (36,6%). Em relação às taxas de mortalidade, o Rio de Janeiro experimentou os maiores coeficientes tanto em brancas (>7 por 100 mil) quanto em negras (>8 por 100 mil).

Observando a variação das taxas entre o primeiro triênio e o segundo triênio, a tendência foi de aumento nas mulheres negras, em São Paulo (4,1 para 4,4 por 100 mil), Rio de Janeiro (8,4 para 9,1 por 100 mil) e Espírito Santo (6,4 para 7,5 por 100 mil), mas não Minas Gerais (4,6 para 4,5 por 100 mil). Entre as mulheres brancas, o aumento das taxas ocorreu apenas em Minas Gerais (2,8 para 4,4 por 100 mil) e São Paulo (3,6 para 4,7 por 100 mil). (Gráfico).



Branca no biênio 1 (b1). Branca no biênio 2 (b2). Negra no biênio 1 (n1). Negra no biênio 2 (n2)  
 Intervalo de Confiança de 95% limite superior (cis). Intervalo de Confiança de 95% limite inferior (cii)

**Conclusão:** Na região sudeste do Brasil, as mulheres negras foram as principais vítimas fatais do câncer de colo uterino, com taxas apresentando variação positiva em três das quatro unidades da federação, ao comparar os dois triênios. Este cenário reflete a magnitude do problema experimentado por mulheres relativamente jovens da região socioeconomicamente mais desenvolvida e dá indícios do desafio a ser enfrentado para atingir a meta da eliminação do câncer do colo uterino que está sendo almejada Brasil.